

LEITE DE VASCONCELLOS E MÁRIO SAA

Notas para uma influência tutelar

André Carneiro

1. Preâmbulo

No panorama da Arqueologia portuguesa sua contemporânea, talvez a figura que mais impressionou Mário Saa tenha sido a do então Director do Museu Etnológico Português, José Leite de Vasconcellos. A convivência que com ele manteve, embora esporádica, terá sido marcante para a definição dos seus objectivos nesta área de estudo.

Para a total compreensão do modo com a influência tutelar leiteana viria a desencadear em Saa a paixão pela Arqueologia, é necessário lembrar que as trocas de correspondência já existiam há muito com os seus ascendentes. E que o momento que desencadeou esta influência residiu certamente na visita de Leite de Vasconcellos ao Ervedal para proceder a escavações no sítio da Ladeira. Neste artigo aborda-se esse momento, procurando enquadrá-lo nas relações pessoais entre Leite de Vasconcellos e a família Sá.

2. As relações epistolares

O imenso espólio epistolar deixado por Leite de Vasconcellos na instituição que hoje perpetua o seu nome demonstra o modo como as trocas de correspondência eram por si encaradas como um instrumento fundamental na relação com os meios locais¹. A sua política centralizadora, procurando transformar o Museu na grande vitrina do passado português, é bem conhecida, mas ao adoptar este registo, com uma permanente actuação fortemente vinculada aos agentes territoriais, fica também patente uma insaciável curiosidade e uma faceta ecuménica que é um traço indelével do seu carácter. Ao contrário dos seus sucessores, a postura leiteana foi profundamente respeitadora das idiossincrasias locais. O Museu deveria albergar o espólio mais relevante da Nação; deveria dinamizar os planos de investigação a nível local; deveria gerir a informação localmente produzida, filtrando a mais notável para publicação em *O Archeologo Português*; mas deveria também

¹Para um caso similar na mesma área geográfica, ver Carneiro e Serras (2011) a propósito da correspondência trocada com Manuel Rodrigues de Mattos Silva, que funcionou como suporte local do Director do Museu na zona de Ponte de Sôr e também Avis.

ser o grande incentivador das actividades de estudo que pelo país se iam promovendo nas mais diversas localidades, promovendo e enquadrando a actuação de alguns eruditos mais influentes e activos nas distintas regiões. Ou seja, o Museu seria sempre um dínamo, e não um travão, do que localmente acontecia.

Nesse sentido, Leite de Vasconcellos manteve uma densa rede de correspondentes nos mais diversos pontos do país. Mesmo sem formação específica na área, estes agentes locais eram estimulados a recolher peças, artefactos, informações, notas históricas ou etnográficas, que permitissem a Leite ganhar uma visão extraordinariamente ampla das especificidades do todo nacional, mas também a encaminhar para Lisboa algum espólio por eles recolhido.

Um dos dados mais curiosos para o Alto Alentejo reside na grande diversidade de correspondentes que trocaram informações com o Director do Museu. O principal, e mais durável, foi António Pais da Silva Marques, que aliás se tornou um dos mais prolíficos correspondentes de todo o epistolário de Leite de Vasconcellos². Toda a fase madura da vida de ambos é permanentemente marcada pelas sucessivas trocas de cartas, que a partir de determinado momento mostram o modo como António Pais foi um fiel angariador de informações ao nível local (curiosamente, mais centrado no domínio etnográfico do que na Arqueologia) mas, sobretudo, a evidente cumplicidade entre ambos que sustentou uma amizade recíproca.

Do entorno familiar também se registam epístolas de Francisco António Pais³, de Condorcet Pais da Cunha e Sá⁴, Fausta Pais da Cunha e Sá⁵, Júlio Mário da Cunha e Sá⁶, Margarida Pais da Cunha e Sá⁷, Maria Leonor Pais da Cunha e Sá⁸ e ainda Olga Pais da

² No epistolário de Leite de Vasconcellos depositado no Museu Nacional de Arqueologia guardam-se dele oitenta e cinco (85) entradas de correspondência, expedidas de Ervedal, Avis, Ervedal/Avis e Lisboa. O primeiro registo data de 24-07-1912, de pouco antes da escavação da Ladeira; o último de 31-12-1940, na fase final da vida de Leite de Vasconcellos. Dada a amplitude da correspondência, o conjunto seleccionado para o presente estudo centrou-se nos exemplares iniciais.

³ Reproduzida no anexo, enviada a 28-08-1912 de Ervedal.

⁴ Correspondente nº 2997, cartas enviadas entre 16-10-1919 (Lisboa, nº 20252) e 30-08-1924 (Lisboa, nº 20255), havendo uma outra expedida de Pêro Viegas (a propriedade rural gerida pela família Saa) e de Ervedal.

⁵ Correspondente nº 2999, três cartas (20262 a 20262) enviadas entre 20-11-1925 (Pêro Viegas) e 14-12-1925.

⁶ Correspondente 3002, cartas enviadas de Pêro Viegas entre 18-11-1912 e 27-02-1913, havendo três sem data (no total, as referencias 20268 a 20272 do Epistolário).

⁷ Correspondente 3004, dois bilhetes sem data e local de envio, nº 20278 e 20279.

⁸ Correspondente 3005. Vários espécimes, desde o nº 20280 a 20287, em total de oito. Variados locais de envio, entre S. Martinho do Porto, Royat (França), Bruxelas, Lisboa e Pêro Viegas. Datas entre 12-09-1925 e 27-12-1940.

Cunha e Sá⁹. Mário Saa surge por duas vezes, uma na versão abreviada mas sem ostentar o nome literário com o «a» desdobrado¹⁰, e uma outra, da sua juventude, assinada com o nome completo¹¹. Todavia, mais trocas de correspondência deveriam existir, e desde um momento muito precoce da vida de Saa, a julgar pela menção de seu tio: «Meu sobrinho, Mário Paes da Cunha e Sá, *alumno da 7.ª classe do Lyceu d'Evora*, - creio que já pôz V. Ex.^a ao facto da importância archeologica d'uma caverna que há n'este concelho; mas julgo que há verdadeiras «preciosidades» para um erudito como V. Ex.^a é - nos terrenos a que me refiro.»¹² Não custa portanto deduzir que, apesar de ser o seu tio o interlocutor preferencial, foi de algum modo o entusiasmo de Mário Saa que desencadeou o interesse leiteano pelo sítio e pela escavação no Ervedal, tendo António Pais sido levado a contactar Leite por instigação do seu sobrinho. Entusiasmo que se atçou em data muito precoce, pois em 1912 Saa, «alumno da 7.ª classe do Lyceu», teria perto de dezoito anos.

De algum modo esta postura deverá ter sensibilizado Leite de Vasconcellos, pois na carta seguinte António Pais refere: «Meu sobrinho deve chegar por estes dias; e m.t.º agradeço a V. Ex.^a os *termos tão amáveis em que se refere a elle.*»¹³ De resto, Saa irá ser uma presença constante nas diversas visitas a locais para averiguar das «antigualhas» avisenses. Este facto mostra também como Saa já era, nesta altura, um entusiasta do estudo dos elementos patrimoniais antigos, e não custa imaginar o fascínio com que o então aluno de «Lyceu» terá seguido o Mestre nas suas viagens.

De onde se vê que as relações da família Sá com Leite de Vasconcellos eram densas, estreitas e proficuas, havendo uma ligação que não era meramente formal. Mário Saa, embora não sendo o mais prolífico dos correspondentes, tinha uma certa proximidade com o Director do Museu, sendo perfeitamente perceptível o modo como a sua figura serviria como referente ético e científico para Saa. De resto, a seguir à escavação da Ladeira outro dos membros mais jovens, Condorcet, será convidado a jantar em casa de Leite de Vasconcellos, só não se juntando Mário Saa por se encontrar «adoentado».

3. As visitas de Leite de Vasconcellos a Ervedal

⁹ Correspondente 3008, espécimes entre 20293 e 20300, a maioria sem local e sem data, registando-se dois com referencias precisas: expedido a 20-07-1919 de Pêro Viegas e a 20-12-1924 de Santo António do Zaire.

¹⁰ Assinadas como Mário Sá, correspondente 3006. Cartas enviadas entre 14-04-1919 (Escoural) e 28-03-1928 (Lisboa), com outras moradas de Pêro Viegas e Queluz.

¹¹ Mário Pais da Cunha e Sá, correspondente 20292, Lisboa, 04-11-1912.

¹² Carta de António Pais, datada de 17172 - 24-07-1912. Itálico da minha responsabilidade.

¹³ Carta 17173 de 2-8-1912. Novamente, itálico da minha responsabilidade.

A visita mais relevante a Ervedal ocorreu em 1912. «Por convite do Sr. António Paes, de Avis, que, ilustrado como é, consagra grande amor à história da sua terra»¹⁴, inicia-se assim o relato deixado por Leite de Vasconcellos.

O encontro dá-se a 5 de Agosto de 1912 em Estremoz, onde Leite de Vasconcellos chegou após sete horas de viagem desde Lisboa. No dia seguinte, «às cinco da manhã», partem para Ervedal após visitar as ruínas de Santa Vitória do Ameixial e de parar em Cano para obter alguns objectos etnográficos e arqueológicos. Sob intenso calor, pois «o sol escaldava»¹⁵, fica a impressão da chegada a Avis, que o autor imaginava com «outra magnificência de terra», embora em seguida, e após conhecer a localidade, nos deixe imagens mais positivas. Ficando a conhecer a família de António Pais, os amigos e a casa, Leite de Vasconcellos dá-nos desde logo a imagem de um homem de «obsequiosa cultura literária esmerada, e dispõe de boa biblioteca»¹⁶, onde não faltam obras gerais de Etnografia (sciência que êle sobretudo preza¹⁷), enciclopédias, ilustrações: de modo que [...] eu ia ficar envolto em uma atmosfera intelectual que me duplicaria o prazer da minha estada nas terras transtaganas», o mesmo ambiente em que Mário Saa realizou a sua formação e que em grande parte explica a sua mundividência cultural e o modo como se dedicou a tantas e tão variadas áreas do conhecimento.

No dia seguinte é feito um primeiro reconhecimento da Ladeira, «propriedade em que por vezes, aparecem restos antigos, - telhas, colunas, capiteis, moedas, cacos», e sítio que interessava particularmente ao Director do Museu por aí ter sido recolhida uma epígrafe consagrada a *Fontanus*¹⁸. Aí Leite de Vasconcellos conhece José Paes Teles e Francisco António Paes, os irmãos do seu anfitrião, além do restante núcleo familiar: Mariana Queiroga Paes, «esposa do Sr. Dr. Paes Teles», António Paes da Cunha e Sá, Condorcet Paes da Cunha e Sá, com quem, como já foi referido, irá manter algumas trocas epistolares posteriores com acentuada cordialidade. Trava também conhecimento com Mário Paes da Cunha e Sá, estudante do Liceu de Évora, e ainda virá a conhecer Ana de Castro Paes, esposa de António Paes.

Este núcleo familiar, fortemente activo e influente na região, irá ser determinante para a angariação de peças pretendidas por Leite de Vasconcellos. Com este suporte de

¹⁴ Vasconcellos, 1912: 284.

¹⁵ Vasconcellos, 1912: 285.

¹⁶ Cujo fundo se guarda hoje na Fundação – Arquivo Paes Teles. Vasconcellos, 1912: 286.

¹⁷ O que explica a afinidade entre ambos, e o modo como a correspondência de dedica mais a este tema do que aos assuntos arqueológicos.

¹⁸ Vasconcellos, 1913: 620-621.

agentes locais visitam antas, aproveitando para a realização de «pesquisas» com a finalidade de recolha de mais objectos.

No dia seguinte, a 8 de Agosto, decorre então «nova visita ao Ervedal», onde mais objectos são adquiridos. O espólio angariado é todo proveniente da Ladeira, sendo constituído por materiais que documentam uma presença islâmica («moeda arábica de prata»), um espaço sepulcral («urna de mármore») e indicadores de monumentalidade («um capitel de mármore»).

A escavação do sítio da Ladeira propicia-se também porque este terreno era propriedade de Francisco António Paes, o que claramente facilitou toda a logística dos trabalhos. Curiosamente, Leite de Vasconcellos é muito mais lacónico com os resultados da escavação do que na enumeração dos achados e peças que consegue obter. Sobre os trabalhos, diz apenas que mandou «proceder a excavações nesta propriedade, e pôs-se a descoberto parte de uma casa». No dia seguinte, de manhã, os trabalhos prosseguiram, bem como a 12 de Agosto, mas nada nos é adiantado. Não há qualquer referência a estruturas, objectos ou a outras ocorrências; é previsível que a escavação tivesse atingido uma área extensa, pois decorreram trabalhos em, pelo menos, uma manhã, uma tarde e um dia inteiro, o que para o ritmo leiteano de trabalho implica uma continuidade assinalável.

Apesar de tudo, os resultados dos mesmos não devem ter entusiasmado Leite de Vasconcellos. É significativo que na entrada do dia 13 de Agosto nos diga que «estive em Avis, onde encaixotei os objectos adquiridos nessa vila, e parte dos adquiridos no Ervedal»¹⁹. A menção a «adquiridos» indica que não houve encaixotamento de objectos encontrados na escavação. Na realidade, consultando o actual inventário de colecções de sítios do Museu Nacional de Arqueologia, constata-se que no sítio de Ervedal, denominado «Tapada da Alameda», constam apenas a lápide consagrada a *Fontanus*²⁰ e um fragmento de lucerna decorada²¹. Curiosamente, esta peça não surge mencionada por Vasconcellos; e as que ele adquiriu e enviou para o Museu não surgem no mencionado inventário daquela instituição. Quanto à ara, é apenas nas *Religiões da Lusitânia* que surge a descrição da sua descoberta pelo proprietário do terreno: «[...] a ara encontrou-se em 1870 num campo chamado Tapada da Alameda [...]. Ao pé havia uma nascente grande de agoa [...]. À superfície do terreno descobrem-se muitos cacos antigos.»²²

¹⁹ Vasconcellos, 1912: 287.

²⁰ Registo 2752.

²¹ Registo E5951.

²² Vasconcellos 1913: 620-621.

Após conhecer a herdade de Pêro-Viegas, e de ali realizar escavações «sem resultado», em anta ali situada, dirigiu-se a Galveias, sempre acompanhado por António Paes e seus sobrinhos Condorcet e Mário.

O interesse pela Ladeira terminou por aqui. Leite de Vasconcellos não regressaria ao local. É difícil perceber que evidências terão sido encontradas; se por um lado, como já foi referido, não há menção a peças descobertas no decurso das «pesquisas», por outro, alguns resultados terão sido obtidos, como se depreende da carta de Francisco António Pais: «Se as sementeiras não estivessem tão próximas, na certeza que continuaria a exploração da Ladeira, *o pouco que vi entosiasmou-me o bastante, para continuar*, não agora, mas no próximo verão de 1913.»²³ De qualquer forma, algumas «ruínas» ficaram visíveis no terreno: as últimas cartas denotam a preocupação de António Pais em conseguir uma «chapa» fotográfica, que, a ter sido obtida (pelas indicações, alguns problemas de reprodução terão existido), nunca foi publicada, impedindo-nos de ter uma noção do que foi encontrado. Certamente por acção do proprietário, que pretendia ter o terreno disponível para trabalhos agrícolas, o que então ficou visível foi imediatamente recoberto de terra, impedindo novos registos fotográficos: «[...] Estou muito apoquentado porque, devido a uma má interpretação d'ordens, os criados do meu irmão Francisco aterraram as escavações da Ladeira, devendo aterrar somente as que ficavam mais para o nascente; de modo que quando há dias lá fui com a machina photographica, tive esta grande decepção! [...]»²⁴ A partir deste momento, as ruínas da Ladeira voltaram a ficar sepultadas.

Todavia, terá sido efectivamente assim? Em momento posterior, António Pais dá conta de vários materiais provenientes do sítio da Ladeira: «Tambem appareceram: [...] 2 tégulas, uma d'ellas optimamente conservada; 3 ou 4 ladrilhos como os que V. Ex.^a levou [de onde se deduz que algum espólio do sítio terá sido encaixotado e remetido para Lisboa, embora este registo não exista] (do feitio de pano de sabão) alguns com caracteres desconhecidos; uma pedra pouco maior que meia folha de papel almasso, com uma elipse incompletamente riscada; um craneo m.t^o bem conservado (n'outro local) [outro indicador, para alem da urna de mármore, de uma área de enterramentos]; um pedacinho de barro (como 5 tostões) com uma figura gravada, espécie de baixo relevo, que pertenceu a qualquer vaso, talvez. A figura lembra vagamente Vasco da Gama, embora, é claro, não restem duvidas de que é muitíssimo anterior. Tambem appareceram uns fragmentos de barro m.t^o fino (como vidraça) e que me parece figulino [ou seja, terra sigillata]; uma

²³ Carta integralmente reproduzida no anexo. Itálico da minha responsabilidade.

²⁴ 17180 - 13-9-1.912

moeda tão tosca, que nada se reconhece n'ella que possa guiar-nos; uma grande pedra de moinho p.^a fazer farinha; uma parede com mais d'um metro de espessura; e grande quantidade de pedra solta (á profundidade em que encontramos as outras, há 2 annos) o que faz supôr que houvesse ali qualquer desmoronamento por invasão ou sismo.»²⁵ Sendo esta epístola datada de finais de 1914, é possível que resulte de alguma escavação promovida pelo próprio, pois a menção a «uma parede com mais d'um metro» e «quantidade de pedra solta» apontam para esta possibilidade, e sabe-se que Leite de Vasconcellos não hesitava em incentivar os seus correspondentes à realização de algumas escavações por conta própria²⁶.

Em 1914 Vasconcellos prossegue em Ervedal e Avis um périplo que o levara a Évora, Sousel e Fronteira. Muito atento aos seus interesses arqueológicos, trata-se no entanto de uma viagem repleta de notas e apontamentos etnográficos, com escassa atenção para os valores patrimoniais, e muito desequilibrada nos seus conteúdos, pois o Autor apresenta longamente as impressões da primeira fase da sua viagem – estadias em Sousel e Fronteira – e de modo quase telegráfico o que sucedeu depois.

Em 11 de Abril, «As 6 da tarde, estávamos ao pé das verduras do Ervedal, sede do santuário do deus *Fontanus*»²⁷. A sua viagem prolonga-se até Avis, onde recebe uma calorosa recepção, bem elucidativa dos laços que nesta altura já ligavam Vasconcellos à família Sá: «Caíam 7 horas do sino de Avis, quando eu chegava aos arredores da vila, e abraçava o meu amigo o Sr. António Pais, em cuja casa eu ia hospedar-me, e que fizera o favor de ali me esperar, para que eu mais cedo gozasse do prazer da sua companhia.» Note-se o tom muito mais efusivo em relação à anterior visita, onde houve cordialidade mas uma relação mais formal.

Os três dias seguintes são dedicados a várias visitas: a Lapa de S. Bento, a Fonte Férrea da Cerca e, no dia 16, a exploração de «algumas antas na herdade de Ruivaz», com a intermediação de António Pais, que o acompanhou nestes trabalhos. No dia seguinte tomou caminho para Galveias.

4. A influência leiteana no percurso de Saa: ecos em *As Grandes Vias*

²⁵ Carta 17204 - 10-XI-914.

²⁶ Veja-se o caso de Mattos Silva (Carneiro e Serras, 2011).

²⁷ Vasconcellos, 1914: 397.

Parece-me indiscutível que, na chegada tardia de Mário Saa à produção científica de carácter arqueológico²⁸, existe uma indiscutível ascendência da figura de Leite de Vasconcellos enquanto paradigma inspirador. A própria escolha temática, de uma desmesurada abrangência, faz ressaltar essa situação, como em outro lugar já notei: «Finalmente, e levando a leitura ao limite, a redacção de *As grandes vias* assumiu para Saa um carácter de *opus magna*, que o autor esperava poder vir a ser considerada uma “grande síntese”, uma obra monumental e fundadora. Neste ponto, e salvas as devidas proporções, é legítimo que Saa esperasse que a sua obra representasse para o domínio do estudo dos itinerários viais o mesmo que as *Religiões da Lusitânia* e a *Etnografia Portuguesa*, de Leite de Vasconcellos, significavam para a análise da idiosincrasia portuguesa: um tratado sistematizador, incontornável, que compilasse de forma totalizante e absolutizada a informação existente no terreno que pacientemente foi necessário colher, e que, a partir dessa base material, permitisse radiografar a alma identitária de uma cultura e o âmago da portugalidade.»²⁹ Mais: a personalidade de Leite de Vasconcellos ficou como uma das poucas indiscutíveis figuras no então depauperado e anquilosado panorama arqueológico (e intelectual) português que Saa indiscutivelmente respeitou – e até admirou –, sendo, certamente, decisiva esta primeira estadia leiteana na região, reforçada por uma outra logo em 1914, ou seja, pouco tempo depois. Os laços de relação cordial entre a família de Saa e Leite de Vasconcellos, e o modo como esta ligação transcendeu os planos formais e se tornou em amizades regularmente alimentadas, constitui sem dúvida uma indicação clara do modo como a figura referencial se manteve sempre próxima.

Esta primeira visita terá tido por certo uma função inspiradora, como também já foi notado por José Rui de Sousa³⁰. Mais do que os resultados da intervenção arqueológica no local, cuja valia é incerta, terá sido o convívio pessoal, para mais em meio que o próprio Leite considerou acolhedor e rodeado de ambiência intelectual. Este favorável entorno é também revelador de uma certa elite rural que, mesmo em meios do interior rural dos inícios do século XX, acabava por manter grande proximidade com a intelectualidade lisboeta, quer por deslocações frequentes à capital, quer pelas trocas de correspondência, de livros e de informação como fica patente ao ler as cartas em anexo. Por outro lado, a geração seguinte, e aquela que evoluirá durante o Estado Novo, já não mantém essa preocupação, com o ímpeto centralizador a ser severamente denunciado por Mário Saa em

²⁸ O primeiro tomo de *as grandes vias da Lusitânia* data apenas de 1956.

²⁹ Carneiro, 2008: 21.

³⁰ 2006: 16.

várias passagens da sua obra. Para o autor, o alheamento a que a metrópole votava o interior era o principal responsável pela paulatina destruição de patrimónios e memórias a que se assistia na sua época - momento que, recorde-se, é de acentuada depauperização dos valores arqueológicos, fosse pela acção da maquinaria agrícola que agora entra nos campos, fosse pela construção de algumas estradas. Desta forma, torna-se evidente o contraste entre a geração em que Saa cresceu - onde o contacto entre capital e periferia ocorria com assiduidade - e aquele em que escreve a sua obra, onde o afastamento por parte dos poderes metropolitanos é já muito evidente. A geração que sucede a Leite de Vasconcellos não se preocupa em manter a rede de contactos e as «excursões arqueológicas» que o fundador do Museu tanto estimava, preocupando-se mais em alimentar escavações que eram vistas com incómodo por parte de algumas comunidades locais, visto que serviam como elemento desviante de alguns recursos patrimoniais e turísticos ao nível local.

Outro elemento impressionante sobre a tentativa de emulação da figura leiteana que é possível descortinar em *As Grandes Vias* parece-me ser, como já sublinhei³¹, a tentativa de cruzamento de diversas áreas temáticas como fonte metodológica de trabalho. Nesse aspecto creio que temos aqui, por um lado, a influência da obra magna *Etnografia Portuguesa* de Leite de Vasconcellos, mas também uma marca da erudição pessoal de Saa que, aliás, se reflecte na diversidade de campos de conhecimento a que o autor dedicou a sua produção escrita. Entre observações etnográficas ou linguísticas, pelo estudo da literatura e geografia antiga, com incursões a arquivos e a um forte pendor documental, estabelece Saa uma tentativa de, por um lado, conceder solidez e fôlego ao seu trabalho, mas também reflectir a influência do saber enciclopédico leiteano. Note-se, contudo, que este diletantismo não é exclusivo do autor de *As Grandes Vias*, mas reflecte uma tendência geracional de um grupo de investigadores que se dedicavam a várias áreas do saber³², ainda na esteira de um ecumenismo científico de raiz novecentista.

Uma outra forma de avaliar a influência inspiradora de Leite de Vasconcellos na obra de Saa reside na citação directa de obras do Mestre. É certo que, apesar do considerável aparato informativo e documental, e também do tremendo repositório de informação que encontramos em *as Grandes Vias*, não encontramos elevado número de referências bibliográficas, ou, dizendo de outra forma, Mário Saa preferiu sempre utilizar dados em *primeira mão* – fosse através da observação de campo, em que a sua obra é de facto

³¹ Carneiro, 2008: 21-23.

³² Fabião, 1999: 120.

notável, ou então recorrendo a autores clássicos, documentação medieval, ou ainda a elementos de teor etnográfico ou geográfico. O Autor não se destaca pelo aparato bibliográfico, fosse porque Saa residia em zona periférica, onde o acesso a bibliotecas e a acervos informativos fosse mais difícil, fosse pela sua relutância em mencionar autores seus contemporâneos, dado o seu posicionamento ideológico e o seu afastamento dos convívios intelectuais da época, pelos quais sentia manifesta aversão³³. Por este motivo, Saa intencionalmente ignora numerosos autores seus contemporâneos, a quem nunca nomeia, mesmo que em tantos momentos encontremos frases carregadas de ironia contra destinatários que são ainda hoje bem identificáveis. Note-se, por exemplo, que Saa nunca refere o nome de Manuel Heleno, o sucessor de Leite de Vasconcellos no cargo de Director do Museu Arqueológico Nacional, embora a ele se refira de forma velada por várias vezes, e nunca de forma elogiosa.

Regressando ao tema, a influência leiteana em *As Grandes Vias* é também mensurável pelo número de citações directas que Mário Saa deixa. A este nível, é de longe o Autor mais directamente citado, e o único que é referido em todos os volumes, o que também se explica pela abrangência territorial e temática que Vasconcellos realizou, incomparável para a produção científica do seu tempo. Mais, Saa cita directamente várias obras, o que mostra uma leitura atenta da obra do Mestre. Vejam-se as ocorrências:

Volume	Nº de citações	Temas
I	8	Troia, Bencatel, Santuário de Endovélico, Juromenha, Pombalinho, placa de Alvega, Santana do Campo, estrada da Ponte de Sôr.
II	6	Lameirancha (Torres Novas), Assumar, <i>Aeminium</i> , uma epígrafe de Tomar, Bobadela, o topónimo <i>Cale</i> .
III	3	Sarcófago de Alfeizerão, culto a <i>Cibele</i> , Arrifana, Bobadela.
IV	4	Troia, culto de <i>Serapis</i> , Ferreira do Alentejo, Espicharrabo,
V	1	Sarcófago de Azinheira.
VI	1	Culto de Génios e <i>Lares</i> .

³³ Carneiro, 2008: 35-37.

Em todas as referências feitas apenas encontramos por três vezes o tom crítico que Saa abundantemente dedicou a outros autores – embora aqui, note-se, com evidente reverência e sem as ironias que o caracterizavam. Assim, no vol. I, a propósito da saída da via romana para oriente de Ponte de Sôr:

aí junto da ponte da Barata e das ruínas da casa denominada o «Monte dos Casamentos», apareceu um fragmento de coluna miliária que Leite de Vasconcelos conduziu para o Museu Etnológico de Belém. Descreveu-o n' O Archeologo Português, XIX, 249. É um fragmento de granito grosseiro, no qual se lê, apenas (1): Imperatori Caesari Marco Aurelio Probo, felici, invicto...

Segue-se, então, a crítica:

Não sabemos ao certo o tópico do achado, nem medições nos ficaram, como seria indispensável para o estudo exacto da miliação. Ao retirar-se do terreno um monumento de tal ordem deveria dele deixar-se algum sinal, ou descrição, com exactas medidas.

No volume II, a propósito de Bobadela, assume uma divergência interpretativa (repetida no volume III):

Leite de Vasconcelos escreveu: «Devemos entender por splendidissima civitas o Génio da civitas, embora não esteja declarado: cf. civitati Baniensium numa inscrição que transcrevi a p. 223, nota 3, onde a civitas, i é, o respectivo Génio, está em conexão com Júpiter. Comparável a estas inscrições é a do Génius municipi, de que falei no capítulo antecedente, p. 296; aí, contudo está expressa a palavra Genius».

O autor pretende conduzir para o lado religioso o tratamento nobiliárquico Splendidissima Civitas, como alusivo ao Génio da civitas. O que diz a pg. 223, não convence. Trata-se duma dedicatória simultâneamente a Jupiter e à civitas dos banienses (pois que estes haveriam autorizado o monumento a Jupiter, mandado fazer por Sulpicius Basus).

Finalmente, no tomo VI, temos, a propósito do culto dos Génios e Lares na Lusitânia:

L. de Vasconcelos apresenta o exemplo de cumprimento dum voto ao Génio por um indivíduo de nome Saturnino, dizendo que o dativo «Génio», sem especificação geográfica ou onomástica, está aqui por Génio suo ou Genio meo, individual, do dito Saturnino... Não é assim. L. de Vasconcelos não viu bem, neste caso. O Génio é o do lugar, do qual participava Saturnino como habitante dele, ou, melhor, como dele natural.

Últimas notas

Actualmente, o sítio romano da Ladeira encontra-se em processos de escavações, em

projecto orientado pela arqueóloga Ana Ribeiro, do Município de Avis³⁴. Espera-se assim que possa ser recuperado o conjunto de elementos descobertos por José Leite de Vasconcellos, nomeadamente o «canto da casa» então mencionado.

A visita do então Director do Museu Etnológico, e o convívio então gerado, terá sido certamente um despoletador do interesse que Mário Saa então já sentia pelos assuntos da Arqueologia. Mas terá sobretudo representado uma impressão indelével no contacto com um Sábio enciclopedista, que em larga medida influenciará o seu trajecto futuro e sobretudo a redacção de *As grandes vias da Lusitânia*, onde a sombra tutelar de José Leite de Vasconcellos está presente em múltiplas passagens. Quer na ambição literária, quer na confrontação de exemplos de várias áreas temáticas, quer ainda no modo como o estilo literário é construído, se nota esta figura inspiradora.

Anexo: Cartas de familiares de Mário Saa para Leite de Vasconcellos sobre as escavações no sítio romano da Ladeira (Ervedal, Avis).

Fundo do Epistolário de José Leite de Vasconcellos depositado no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa)

De: António Pais da Silva Marques - 2538

17170 Avis, s.d.

Agradeço reconhecidamente a ultima prova de consideração com que V. Ex.^a quis distinguir-me, enviando-me mais duas apreciabilíssimas publicações originaes, que vou ler com a devida attenção logo que me for possível.

O homem do machado de bronze parece que anda a troçar comigo, pois tão depressa me diz que m'o manda logo que tenha portador capaz, como diz que o tem para Lisboa, etc.

Contudo, não desisitirei ás boas de o obter; e se tal conseguir, enviál-o-hei logo a V. Ex.^a.

Com um saudoso abraço, subscrevo-me com a mais elevada consideração de V. Ex.^a. e am.^o. ded.^o mt. grato - Ant.^o Pães.

17171, s.d. [cartão pessoal de Ana de Castro Paes e António Paes]

³⁴ Ribeiro, 2008: 7.

17172 - 24-07-1912

Exm^o Snr.

Havendo n'este concelho vasto campo para as investigações scientificas a que V. Ex.^a tão proficuamente se dedica, tomo a liberdade de me dirigir a V. Ex.^a, embora não tenha a honra de o conhecer pessoalmente, para o convidar a vir aqui. Querendo e podendo V. Ex.^a vir agora, a occasião não podia ser melhor, porque já se realisaram as colheitas dos terrenos em que porventura se fizessem quaisquer excavações; e dentro em pouco serão preparados para novas culturas.

Ha mais tempo que eu desejava escrever a V. Ex.^a; mas também tencionava ir ahi e por isso só agora o faço.

Querendo V. Ex.^a visitar esta região, só terá o incommodo de me dizer o dia em que devo ir esperá-lo á estação do caminho de ferro d'Estremoz ou Ponte de Sôr, onde estarei com um trem que nos conduzirá aqui. E tanto a minha casa como o meu limitadíssimo préstimo d'investigador e bibliophilo entusiasta, ficam desde já ao dispor incondicional de V. Ex.^a

Meu sobrinho, Mário Paes da Cunha e Sá, alumno da 7.^a classe do Lyceu d'Evora, - creio que já pôz V. Ex.^a ao facto da importância archeologica d'uma caverna que há n'este concelho; mas julgo que há verdadeiras «preciosidades» para um erudito como V. Ex.^a é - nos terrenos a que me refiro. Faço esta presumpção pelos objectos que la teem apparecido e que revelam a existência d'uma povoação antiquíssima (um dos objectos que lá se encontraram foi um pequeno vaso para perfumes, com forma de amphora; infelizmente extraviou-se).

Aguardando com impaciência a honrosa resposta de V. Ex.^a, subscrevo-me com a mais elevada consideração

De V. Ex.^a

sincero admirador

António Paes

24-7-1912 Aviz

17173

Exm^o Snr.

Só hontem tive o prazer de receber a carta de V. Ex.^a, cujos termos me penhoram; e antes de prosseguir, cumpre-me agradecer a V. Ex.^a, a honra que me concede, aceitando o

convite que tomei a liberdade de lhe dirigir, para visitar esta região.

Espero que V. Ex.^a me desculpará de não ter respondido hontem ainda, como eu desejava - o que não fiz pelos motivos que vou expor concisamente:

O trem em que tenciono ir buscar V. Ex.^a, é d'uma pessoa da minha família que reside a 7 kilometros d'aqui e que sahio hontem de madrugada para fora do concelho.

Não regressou ainda e não sei mesmo se virá antes de 2.^a feira; mas o que posso afirmar a V. Ex.^a é que vou empregar todos os meios ao meu alcance - absolutamente todos - para que V. Ex.^a não tenha que abdicar a sua excursão - por mim de há tanto tempo desejadissima.

Póde, pois, V. Ex.^a - se assim o entender - dispor a sua partida para a próxima 2.^a feira, como tencionava, na certeza de que, se houver algum obstáculo insuperável que não me permita o prazer d'ir esperar V. Ex.^a no referido dia, eu mandarei um telegramma a V. Ex.^a - com a maior antecipação possível - dizendo simplesmente: = Impossível = e justificando em carta os motivos d'essa impossibilidade - que oxalá se não dê.

Devo declarar a V. Ex.^a que n'esta terra não há trem d'aluguer - aliás não poderia haver duvidas de qualquer natureza.

Quando haja a infelicidade de V. Ex.^a não poder vir agora, terá a amabilidade de marcar logo outro dia qualquer e então tudo será prevenido com mais tempo.

Meu sobrinho deve chegar por estes dias; e m.t^o agradeço a V. Ex.^a os termos tão amáveis em que se refere a elle.

Esperando ter a honra de ver V. Ex.^a n'esta sua casa - já na próxima 2.^a feira - renovo por esse facto os meus mais sinceros agradecimentos; e subscrevo-me, com a mais elevada consideração e respeitosa estima -

De V. Ex.^a

Cd^o e admirador m.t^o grato

António Paes

Aviz

2-8-912

17174

Ex.m^o Snr.

Tenho o prazer de participar a V. Ex.^a que na próxima 2.^a feira, 5 do corrente, estarei na estação de Extremoz, á chegada do comboyo que sahe do Barreiro pelas 9 da manhã, pouco mais ou menos, e ali aguardarei V. Ex.^a, com um trem que há-de conduzir-nos aqui.

Se por qualquer circumstancia V. Ex.^a não puder vir na 2.^a feira, seria penhorante fineza avisar-me por telegrapha amanhã, domingo - mas logo que recebêsse esta, porque a estação telegrapho-postal d'aqui fecha á 1 hora da tarde (aos Domingos).

Agradecendo antecipadamente este obsequio - de cujo incommodo peço a V. Ex.^a que me desculpe - tenho a honra de me subscrever, com a mais elevada consideração de respeitosa estima -

De V. Ex.^a

C.do e admirador sincero

m.tº grato

Aviz

3-8-912

António Paes

17175

Ex.mº Snr. D.r e

meu presado amigo

Tive hontem o prazer de receber a carta de V. Ex.^a que muito agradeço pelas referencias, de todo o ponto imerecidas - que n'ella faz á deficientissima hospedagem que teve n'esta sua casa.

Só a muita bondade, indulgencia e delicadeza de V. Ex.^a poderiam ditar tão amáveis expressões.

Estimei muito saber que V. Ex.^a chegou ahi sem novidade e que deu por bem empregada a = étape = que fez nas Galveias.

Ainda tive o prazer de ver o vasinho com aza que o sr. Cosme Braga offereceu a V. Ex.^a

O que lamento é não ter podido acompanhar V. Ex.^a até Ponte de Sor, como era meu dever e eu desejava - mas havia motivos de força maior que não me permittiam estar mais tempo ausente de casa (entre elles a saúde de minha mulher, que vim encontrar bastante incommodada, embora já esteja felizmente melhor).

Já escrevi para o Monte-Branco, por causa do tal machado de bronze; e logo que tenha resposta, avisarei V. Ex.^a. Para Fronteira não escrevo: vou lá brevemente e informar-me-hei do paradeiro da espada de que nos fallaram. Quando V. Ex.^a receber esta, talvez os 2 caixotes que aqui ficaram já estejam na estação de Belém. Tômo a liberdade de enviar a

guia inclusa n'esta, porque n'este momento não encontro a direcção, que V. Ex.^a me deu, do empregado do Museu p.^a quem devia ir. Não foram há mais tempo porque só na 2.^a feira de madrugada acôlhi carro de frête para a estação de Ponte de Sôr.

O batedor não está esquecido e será encommendado logo que possa encontrar-me com o artista. Felicito V. Ex.^a pela colheita das Galveias e Ponte de Sor, desejando-lhe m.tas assim, para justa, embora insufficientissima, recompensa ao inalcançável trabalho de V. Ex.^a, cuja actividade é simplesmente pasmosa!

O Mário esteve doente nas Galveias, reclamando ainda os cuidados do medico. Parece que o sol que apanhou lhe fez mal. Está quasi bom. Agradeço reconhecidamente todas as atenções que tem dispensado ao Condorcet, pois já sei que V. Ex.^a lhe deu a honra de o convidar para ir jantar a sua casa. Não menos reconhecido e penhorado, agradeço o incommodo de V. Ex.^a, indo procurar os livros, que desejo, em companhia d'elle; e levando a sua amabilidade ao excesso de querer offerecer-me algumas obras originaes de V. Ex.^a - que eu apreciarei muitíssimo. Não queria, porem, que V. Ex.^a se incommodasse tanto. Amanhã vou escrever ao sr. Augusto Baptista, perguntando-lhe se já conseguiu receber os 2 vales de correio que lhe mandei, sendo um de 1.500 e outro de 1.650 pois ainda não pude saber o destino que tiveram!

O dono do livro que V. Ex.^a levou já respondeu (o postal foi para a Ponte de Sor, como eu lhe tinha pedido). Auctorisa-me a vender o livro pelo preço que eu entender; peço licença a V. Ex.^a para lh'o offerecer. Eu depois darei ao dono a respectiva importância.

Hoje mesmo escrevo para a = Sociedade Vegetariana = para mandarem a V. Ex.^a um exemplar do = Vegetariano. =

Julgo não ter esquecido de nenhum dos compromissos que tomei; e creia V. Ex.^a que tenho, da sua estada aqui, as mais gratas recordações, esperando que não deixe de continuar a honrar-me com a sua visita.

Minha mulher agradece e retribui os amáveis cumprimentos de V. Ex.^a; e eu peço que me desculpe do tempo que lhe roubei com a leitura d'esta.

Com a mais elevada consideração e respeitosa estima me subscrevo de V. Ex.^a

Sincero adm.dor e amigo Obmo

António Paes

Aviz

21-8-912

[E depois, em extratexto]

P.S. Escapava isto:

Crismino - prego
médão - areal
griséus - hervilhas
parra - panella
(Aljezur)

Muito me obsequiou V. Ex.^a accusando a recepção da guia - e portanto d'esta - mesmo por um simples postal, p.^a eu ficar descaçado.

Despertou-me a mais viva curiosidade a noticia de que V. Ex.^a tinha obtido nas Galveias uma medalha (?) com a palavra = Pais = escripta ás avessas. Julgo tratar-se de um sinete de m. família, pois alguns dos meus ascendentes eram das Galveias. Quando eu ahí for, pedirei a V. Ex.^a a fineza de m'o mostrar; e quando me honrar com a sua lettra, peça a fineza de me dizer se se trata effectivamente d'um sinete. Vio V. Ex.^a a noticia do Ervedal, do = Século = de 6^a feira, 16? Iria assim bem? Oxalá.

Ainda não revelei os clichés por não ter revelador nem papel. Já mandei vir tudo, assim como chapas; no dia 26 tenciono ir ao Ervedal e tirar a photographia das ruínas da Ladeira. Logo que tenha tudo prompto, enviarei as provas a V. Ex.^a

17176

Ex.m^o Snr. D.r e
meu presado amigo

Acabo de receber agora, 5.^a feira de manhã, a valiosíssima offerta que V. Ex.^a teve a amabilidade de me enviar pelo Condorcet. Foi uma surpresa agradabilíssima por todos os motivos e mais um - como dizem - os mathematicos - pois não só não esperava ainda a = Revista Lusitana = como também não esperava que o incommodo de V. Ex.^a fosse tão longe, enviando-me 5 volumes completos da apreciadíssima revista.

Não tenho, por isso, palavras com que exprima a minha gratidão para com V. Ex.^a - incluindo no meu reconhecimento a honrosa (aliás imerecida) dedicatória que acompanha a apreciadíssima dadiva.

Almocei á pressa, já abri as folhas de todos os volumes e já li um pouco de tudo, antegosando o prazer que terei depois, nas longas noites do inverno alentejano, saboreando pagina a pagina, linha a linha, todos os assumptos, tão interessantes, de que trata a = Revista Lusitana =.

Permitta-me V. Ex.^a que o felicite por ter uma revista tão completa e tão

distinctamente = feita ,= lamentando muito sinceramente que só agora a conheça. Não tem sido desinteresse da minha parte - mas a vida de província tem d'estes inconvenientes: para ir comprar um livro, para se ver uma obra, há mil attrictos que surgem de todos os lados!

Envio, incluso n'esta, um papel com algumas quadras, que não sei se iriam nos cadernos que V. Ex.^a levou. Na duvida, vão. Desejo que V. Ex.^a passe o melhor possível de seu estômago; e que todos os objectos que foram d'aqui, chegassem incólumes. Não repare V. Ex.^a se algumas vezes vir, na m.^a correspondência, a marca do correio de Galveias ou de Ponte de Sor: nem sempre metto no correio d'aqui as m.^{as} cartas. Cumprimentos de minha mulher; e V. Ex.^a queira dispor sempre de que se subscreve, com a mais elevada consideração e respeitosa estima. -

De V. Ex.^a

admirador sincero e am.^o ded.^o ob.m^o

- Aviz -

22-8-912

António Paes.

17177

Ex.m^o Snr. D.r e

meu bom amigo

Acabo de receber mais uma prova apreciabilissima da amabilidade de V. Ex.^a com a recepção do XVI^o volume d' = O Archeologo Portuguêz = que me apresso a vir agradecer a V. Ex.^a, infinitamente grato por tantos obséquios, não esquecendo a amável dedicatória com que se dignou honrar-me; e a sua presadissima carta - que vem verdadeiramente recheada de atenções e gentilezas - do principio ao fim!

N'estes agradecimentos - que mal traduzem o meu reconhecimento e a minha alegria d'apaixonado bibliophilo - não quero nem devo deixar de mencionar o interessantissimo catalogo com que vV. Ex.^a quis mimosear-me tambem! Fiquei satisfeitissimo com elle, pois sempre calculei que deveria haver qualquer livraria que se dedicasse especialmente à Archeologia, etc.

Se a = Revista Lusitana = me agradou m.m^o, o = Archeologo Portuguêz = não me seduz menos; e só lamento não ter já tempo para começar a ler = tanta coisa boa = que V. Ex.^a - meu bom amigo - teve a gentileza de me offerecer! A administração da minha casa tira-me, porem, algum tempo para as minhas leituras predilectas; e por isso não disponho desde já de tempo que desejava ter livre. Penhoradissimo agradeço tambem a v. Ex.^a o

requinte d'amabilidade que quis ter para commigo, não só enviando-me um nítido = croquis = da chapa que V. Ex.^a obteve nas Galveias, como querendo pôl-a á minha disposição. Se V. Ex.^a entende que tem algum merecimento para o Museu, desde já declino tão penhorante cedencia. No caso contrario, e attendendo a que se deve realmente tratar dos meus ascendentes, aceito, com o mais cordeal reconhecimento, a amável cedência de V. Ex.^a pedindo-lhe, n'esta hyppothese, a subida fineza de me dizer quanto custou para eu enviar a respectiva importância a V. Ex.^a Com toda a franqueza peço tambem a V. Ex.^a que me diga se a chapa tem algum valor p.^a o = Museu =, pois a minha intenção, ao falar d'ella a V. Ex.^a, não foi, de modo algum, a de provocar tão penhorante obsequio como o que V. Ex.^a se presta a dispensar-me.

Sobre o machado, ainda não obtive qualquer resposta. Infelizmente, não me admiro se não o tiver nunca, pois conheço bem a pessoa que o tem; e não querendo dizer redondamente que não, é possível que não responda. Se assim for, reservarei novo pedido para quando me encontrar com essa pessoa.

Recebi hoje as chapas photographicas e outros artigos de photographia. No dia 26 tenciono ir ao Ervedal, como disse a V. Ex.^a; e logo que me seja possível, enviarei as photographias que prometti mandar, devendo obter no dia 26 a das ruínas da Ladeira.

As photogravuras do = Archeologo = são lindíssimas; m.t^o nítidas e perfeitas.

Ainda não tive o gosto de ver no = Diário de Noticias = a noticia que V. Ex.^a tenciona escrever sobre a sua excursão a esta região.

Oxalá que a minha noticia do Ervedal p. o = Século = não contrariasse V. Ex.^a em qualquer coisa (involuntariamente...).

Termino por agradecer antecipadamente os folhetos que V. Ex.^a quer ter a bondade de me offerecer e que eu lerei com todo o interesse com que costumo ler tudo que V. Ex.^a subscreve.

Minha mulher agradece e retribui os cumprimentos e votos de melhoras que V. Ex.^a lhe envia; e eu peço a máxima indulgencia para a minha incorrigível prolixidade!...

Com a mais elevada consideração e respeitosa estima, tenho a honra de me subscrever -

De V. Ex.^a

admirador sincero e am.^o devotado ob.m^o

- Aviz -

24-8-912

António Paes.

17178

Meu Ex.m^o e bom amigo

Hontem á noite, quando regressava de Pêro Viegas, tive o prazer d'encontrar os cartões, os livros e a chapa que V. Ex.^a teve a [imerecidivel?] amabilidade de me mandar.

Não encontro palavras com que exprima a V. Ex.^a o meu subido reconhecimento por tanto obséquios - que vou registando e archivando, para tentar agradecêl-os quando tiver a honra de novamente me encontrar com V. Ex.^a

Permitta-me V. Ex.^a que desde já lhe peça mais um favor: dizer-me a importancia que deu pela chapa, p.^a eu a satisfazer - pois já é um obsequio penhorante querer V. Ex.^a cedêr-m'a tão expontaneamente. Acho-a m.t^o interessante; e vou ver se, por uma espécie d'arvore genealógica que fiz de minha família, consigo saber quem era o primitivo possuidor.

Dos originaes de V. Ex.^a - acho desnecessario dizer que me despertam o mais vivo interesse e que vou lêl-os, logo que tenha occasião, com a atenção e = carinho = que merecem!

Por tudo, incluindo as amáveis referencias á minha humilde pessoa (que vi hoje no D.N. e que julgo ser local de V. Ex.^a) - por tudo, repito, - os meus cordialíssimos agradecimentos.

A minha noticia para o = Século = foi um pouco = mutilada =. Na = Mala da Europa = de hoje ou de amanhã, em correspondência d'Aviz, tambem deve vir uma noticiasinha.

O negociante onde íamos ás vezes á noite, cujo nome V. Ex.^a deseja saber, julgo ser o Benjamim Vitorino Ruivo. D'outro não me parece que se trate; mas se não for elle, peço a V. Ex.^a p.^a dizer. [...]

17180 - 13-9-912

[...] Estou muito apoquentado porque, devido a uma má interpretação d'ordens, os criados do meu irmão Francisco aterraram as escavações da Ladeira, devendo aterrar somente as que ficavam mais para o nascente; de modo que quando há dias lá fui com a machina photographica, tive esta grande decepção! [...]

17181 - 28-IX-912

[...] P.S. - Esquecia-me pedir a V. Ex.^a a fineza de me dizer se já decifrou os

caracteres ou signaes das = tablettes = de barro que se encontraram na Ladeira (Ervedal), pois tenho o máximo empenho em saber. [...]

17204 - 10-XI-914

[...] Meu irmão Francisco mandou arrancar pedra na Ladeira (Ervedal) e appareceu lá um grande pote romano, mas os trabalhadores partiram tudo, restando apenas a bocca e as ázas! Tambem appareceram: 2 tégulas, uma d'ellas optimamente conservada; 3 ou 4 ladrilhos como os que V. Ex.^a levou (do feitio de pano de sabão) alguns com caracteres desconhecidos; uma pedra pouco maior que meia folha de papel almasso, com uma elipse incompletamente riscada; um craneo m.t^o bem conservado (n'outro local); um pedacinho de barro (como 5 tostões) com uma figura gravada, espécie de baixo relevo, que pertenceu a qualquer vaso, talvez. A figura lembra vagamente Vasco da Gama, embora, é claro, não restem duvidas de que é muitíssimo anterior. Tambem appareceram uns fragmentos de barro m.t^o fino (como vidraça) e que me parece figulino; uma moeda tão tosca, que nada se reconhece n'ella que possa guiar-nos; uma grande pedra de moinho p.^a fazer farinha; uma parede com mais d'um metro de espessura; e grande quantidade de pedra solta (á profundidade em que encontramos as outras, há 2 annos) o que faz supôr que houvesse ali qualquer desmoronamento por invasão ou sismo.

De: Francisco António Pais – 2541 (Ervedal)

Exm^o Senhor

Acuso a recepção da presada carta de V. Ex.^a de 19 do corrente.

Muito agradeço as attensões que V. Ex.^a me dispensa, de que não sou digno, se alguma cousa fiz digno de menção, não fiz mais do que cumprir com os meus deveres, só me lastimo, em não poder fazer alguma cousa de aproveitável.

Felicito V. Ex.^a q. se enriquecesse bastante o Museu. Faço votos muito sinceros, para que V. Exc.^a mais uma vez nos honre com a sua presença.

Se as sementeiras não estivessem tão próximas, na certeza que continuaria a exploração da Ladeira, o pouco que vi entosiasmou-me o bastante, para continuar, não agora, mas no próximo verão de 1913.

Minha filha muito se lastima na dadiva não ser mais valiosa, e tem a honra de cumprimentar V. Ex.^a e offerecer o seu limitadíssimo préstimo.

Se o achar util para alguma cousa, muito honrará o que é:

De V. Ex^a.

Mto. Att^o E Mt^o Obrg.do

Francisco António Paes.

Bibliografia

Carneiro, André (2008) *Itinerários romanos do Alentejo. Uma releitura de «As grandes vias da Lusitânia – o Itinerário de Antonino Pio» de Mário Saa, cinquenta anos depois*. Lisboa, Edições Colibri/Comissão de Coordenação Regional do Alentejo.

Carneiro, André Serras, e Martinha (2011) Entre o centro e a periferia: a relação epistolar entre J. Leite de Vasconcellos e Manuel Mattos Silva. *O Arqueólogo Português*. Série V, vol. 1, p. 267-300.

Fabião, Carlos (1999) Um século de Arqueologia em Portugal – I. *al-madan*, II série, nº8, Almada, p.104-126.

Ribeiro, Ana (2008) Uma primeira leitura da Carta Arqueológica de Avis. *Al-madan adenda electrónica* nº 16, VII, 1-12.

Saa, Mário (1956-1967) *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio*. Lisboa, Ed. do Autor, 6 volumes.

Sousa, José Rui de (2006) (org.), *Mário Saa. Poesia e alguma prosa*. Lisboa.

Vasconcellos, José Leite (1905-1913) *Religiões da Lusitânia*. Lisboa.

(1912) Pelo Alentejo. Arqueologia e Etnografia. *O Archeólogo português*, vol. XVII, p. 284-289.

(1913) *Religiões da Lusitânia*. Lisboa, INCM, vol. III.

(1914) Crónica – Excursão alentejana. *O Archeólogo português*, vol. XIX, Lisboa, p. 392-397.